

ACHADOS NUMISMÁTICOS ROMANOS DO ENTRE  
DOURO E VOUGA LITORAL  
CONTRIBUTO PARA UM INVENTÁRIO CRÍTICO

António Manuel S. P. Silva\*

Nota introdutória

O presente ensaio é parte de um estudo mais vasto sobre a proto-história e a romanização da região do Entre Douro e Vouga Litoral (Silva, A.M. 1994), assente num recenseamento geral de achados e estações arqueológicas destas cronologias, e incluindo inventários específicos para as ocorrências numismáticas e epigráficas. O que agora se publica, deste modo, não pretendeu constituir um estudo monográfico mas apenas um levantamento geral, com base essencialmente na informação publicada, destinado porventura a servir de base a ensaios de maior fôlego. Ao texto original foram feitas apenas correcções pontuais e algumas actualizações respeitantes a trabalhos saídos posteriormente.

A ocupação romana do Entre Douro e Vouga Litoral

As transformações decorrentes da romanização na região que temos por objecto (Est. I) podem ser, do ponto de vista dos dados arqueológicos, observadas em diferentes registos, de que o numismático constitui apenas, naturalmente, um dos elementos do sistema socio-económico.

O inventário dos vestígios de época romana regista mais de três dezenas de locais onde a marca cultural dos invasores ficou mais notoriamente assinalada, distribuídos por povoados castrejos, sepulturas e necrópoles e ocorrências de outra natureza, como é o caso dos restos viários, dos fornos cerâmicos ou dos testemunhos ligados à mineração.

---

\*Mestre em Arqueologia. Gabinete de Arqueologia Urbana da C. M. Porto. Docente da Escola Superior Artística do Porto. Sócio da S. P. N.

Com carácter mais móvel, acrescem a estes locais os achados numismáticos e os epigráficos, que em conjunto totalizam cerca de meia centena de ocorrências.

Uma primeira nota que parece ressaltar é o grande sentido de continuidade que se verifica entre a ocupação indígena, castreja, e os polos romanizados mais importantes. Não existindo em todo o Entre Douro e Vouga Litoral qualquer fundação urbana de iniciativa romana, nem tão pouco se conhecendo qualquer *villa*; é nos castros mais significativos que encontramos também os primeiros vestígios de uma romanização mais profunda, com reflexos ao nível das arquitecturas, da estruturação dos povoados e da utensilagem quotidiana, como sucede em Romariz (Santa Maria da Feira), Monte Murado (Vila Nova de Gaia), Ul (Oliveira de Azeméis) ou Cabeço do Vouga (Águeda). O universo funerário que nos é transmitido pela localização de sepulturas e necrópoles, por sua vez, parece caracterizar, essencialmente, ocupações tardo-imperiais.

Por outro lado, os vestígios romanos parecem claramente polarizados, à luz do corrente estado da investigação, em áreas como a foz do Douro, a foz do rio Paiva e ainda, porventura, a zona do Baixo Vouga. O traçado da via *ex Olisipone ad Bracaram* constitui também aqui um notório vaso difusor de signos de romanização, produzindo um corredor por onde se distribuem povoados romanizados, epígrafes e achados numismáticos. Em contraponto, o *hinterland* modernamente distribuído pelos concelhos de Arouca, Vale de Cambra ou Sever de Vouga apresenta-se extremamente rarefeito de vestígios romanos, parecendo acusar um fenómeno de marginalização cultural que, curiosamente, parece repetir-se igualmente na franja litoral atlântica, onde pontificam pequenos castros de tradição indígena sem traços notórios de aculturação, como é evidente em Ovil (Espinho) e sucederá também, por exemplo, em Salreu (Estarreja).

#### Os achados numismáticos

Os achados de moedas romanas apresentam, deste modo, uma importância particular para o estudo do processo de integração das comunidades indígenas da região do Entre Douro e Vouga Litoral no *modus vivendi* latino, nomeadamente, mas não só, nos aspectos que respeitam à vida económica.

Porém, para que tal avaliação resultasse mais fundamentada e consequente, necessário seria conhecermos quais as modalidades de que se revestia a circulação de bens materiais nos diferentes contextos sociais anteriores à chegada dos romanos. Na realidade, se a difusão e intercâmbio de artefactos e matérias-primas está plenamente confirmada no registo arqueológico desde épocas tão remotas como as da pré-história recente, os actos colectivos ou individuais que enformavam tais transacções permanecem largamente desconhecidos até ao aparecimento da economia monetária mediterrânea neste extremo atlântico da Península.

Nomeadamente, na esteira dos paradigmas etnográficos que Marcel Mauss agrupou no seu *Essai sur le don*, tem-se afirmado a eventual existência de redes de circulação de determinados itens de prestígio entre elites, num quadro de troca de dádivas cujo sentido ultrapassa largamente o “valor” dos bens ofertados ou recebidos para atingir o plano mais amplo de coesão social e interacção entre comunidades, o que distingue, afinal, o “sistema de prestações totais” apreendido por Mauss (1988:56). Estas trocas cerimoniais, obedecendo a mecanismos de reciprocidade caros às sociedades tradicionais, como observou Thurnwald<sup>1</sup>, não são formalmente desmentidas pela documentação arqueológica, adequando-se bem, pelo contrário, à ocorrência de certos artefactos cujo valor simbólico ou sumptuário parece ultrapassar o utilitário ou comercial, como foi já sugerido acerca das contas de colar de pasta vítrea (Naveiro 1991:71). Todavia, a aceitar--se esta possibilidade, não só se revela de grande dificuldade a realização do inventário dos bens cuja circulação poderia estar sujeita a esses sistemas sociais<sup>2</sup>, como permanecem ignoradas as diversas esferas de interacção, que podiam limitar-se a comunidades com relações de contiguidade e afinidade particulares ou estender-se a unidades étnicas vizinhas autónomas, de acordo com o modelo da “*peer polity interaction*” desenvolvido por Renfrew (1986). Dito de outra forma, não é fácil concluir, até pela fluidez das “fronteiras”, se essa eventual troca cerimonial de bens se processaria entre *castella*, entre *civitates* ou servindo de elo de ligação entre distintos *populi*, para usar a terminologia latina.

O que as fontes literárias nos dizem de mais expressivo colhêmo-lo em Estrabão, que regista processarem-se nas regiões mais interiores da Lusitânia a troca directa de mercadorias ou o uso de lâminas de prata recortadas<sup>3</sup>, o que os vestígios arqueológicos em parte parecem confirmar, pela localização de bolas de prata e fragmentos deste metal e de ouro em tesouros de jóias (Centeno 1987:187, nota 6), devendo por isso o metal, argentífero ou outro, ter constituído de algum modo valor-padrão nesta economia pré-monetária (Naveiro 1991:168, nota 31).

Seja como for a penetração da numária antiga, através possivelmente de comerciantes púnicos numa primeira fase e com os romanos a partir do séc. II a.C., representou por certo um elemento de ruptura. Item inovador, porventura prestigiante, a moeda providenciava também um outro valor passível de entesouramento, ao mesmo tempo prático e cómodo; seguro pela incorporação de metais nobres e similarmente produto de risco em caso de desvalorização, facilmente convertível e transaccionável por fim.

<sup>1</sup>Richard Thurnwald, *L'Économie Primitive*, Paris, 1937 (cit. por Oliveira 1955, nota 13).

<sup>2</sup>Para não referir já a eventualidade dessa interacção se processar também com outros “bens” menos tangíveis, como sucede com a troca de informação e os “trabalhos colectivos gratuitos e recíprocos” próprios das sociedades de pastores e agricultores tradicionais (Oliveira 1955).

<sup>3</sup>Estrabão, *Geografia*, III, 3, 7 (Velooso & Cardoso 1965:43).

Em resumo, podemos sintetizar esse potencial efeito de ruptura a dois níveis. Por um lado, como vimos, pela circunstância da economia monetária colocar em causa (ou gradualmente substituir) sistemas de troca e oferta pré-existentes; por outro, pelo efeito integrador que a manipulação e apropriação de um bem como a moeda pode ter tido no contexto da aculturação das populações indígenas. Mais que a presença porventura distante de autoridades administrativas e funcionários, ou o contacto pontual com elementos militares, o uso do dinheiro, sob forma amoedada, poderá ter actuado ao nível das estruturas mentais e simbólicas das comunidades e dos respectivos padrões económicos de intercâmbio de bens como um elemento fundamental da assimilação e da integração ao poder latino, cumprindo afinal a função propagandística que é um dos seus principais apanágios.

Para uma primeira análise das ocorrências monetárias na região de estudo, inventariámos<sup>4</sup> todas as referências bibliográficas encontradas para moedas romanas e pré-romanas<sup>5</sup>, o que totalizou um conjunto de 23 indicações (Est. I). Os achados foram classificados, na medida do possível, de acordo com a tipologia mais comum, entre descobertas fortuitas ou isoladas, tesouros ou achados em escavações ou estações arqueológicas (Grierson 1976:165). Um primeiro facto que convém registar é o carácter extremamente lacunar da informação disponível. Na grande maioria dos casos não foi possível encontrar-se referências aos contextos dos respectivos achados, nem tão pouco elementos seguros de quantificação ou classificação das peças ou conjuntos monetários, já que apenas seis ou sete ocorrências, quase todas respeitantes a tesouros, se encontram devidamente publicadas, com o correspondente catálogo e classificação<sup>6</sup>.

As duas tetradracmas gregas da Serra do Pilar, Vila Nova de Gaia [21]<sup>7</sup>, dos séculos V e IV a.C. constituem de momento os exemplares mais arcaicos encontrados na região, se bem que se possa colocar a hipótese de aqui terem chegado em data bastante posterior à sua emissão, já por mãos romanas (Centeno 1987:188). Aliás, a imprecisão do contexto do achado, aliado a determinadas características particulares das peças, sugeriram mesmo a M. C. Hipólito (1983) fortes dúvidas acerca da efectiva localização da descoberta, tese que posteriormente R. Centeno contrabalançou com base em novos elemen-

---

<sup>4</sup>V. Inventário no final.

<sup>5</sup>Importa de facto sublinhar que trabalhamos quase exclusivamente com informações publicadas, ainda que frequentemente de forma imprecisa. Como é comum em se tratando de moedas, temos recolhido algumas indicações pouco claras de outros achados, que por impossibilidade de confirmação não incluímos no presente inventário.

<sup>6</sup>Na verdade, os tesouros têm constituído a atracção principal de arqueólogos e numismatas, parecendo haver um certo pudor ou menosprezo pelo estudo e publicação de achados isolados ou de contexto menos preciso, o que, à hora de um levantamento como este, resulta bastante empobrecedor.

<sup>7</sup>Os números entre parênteses rectos remetem para o inventário final e cartografia respectiva (Est. I).

tos documentais sobre o achado, não vendo óbice de maior à procedência mediterrânica, ou mesmo egípcia, dos numismas, facto com paralelos no País no que se refere a materiais arqueológicos coevos (*Idem* 1987:190-1).

No que respeita às ocorrências de numerário romano, particular atenção tem sido votada aos tesouros. De facto, registam-se nesta área pelo menos nove tesouros (Est. II), sendo um de denários de prata, no castro de Romariz [13] e os restantes de exemplares do século IV (Arouca [3], Castelo de Paiva [7] e [11], dois no castro de Fiães [12] e um no de Ossela [15]). Uma notícia oitocentista acerca do achado de “várias moedas romanas de prata e cobre entre seis grossos tijolos”<sup>8</sup> [2] parece sugerir o aparecimento de um outro tesouro, cujo paradeiro se desconhece, podendo resultar de outro tesouro um achado recente em São João da Madeira [17] entretanto desaparecido. Também as moedas gregas da Serra do Pilar poderiam porventura incluir-se num depósito deste tipo, a confirmar-se a indicação de R. Centeno, segundo o qual as duas tetradracmas estudadas fariam parte de um conjunto de 6 ou 8 moedas (1987:281).

A análise dos contextos destas descobertas, bem como dos contentores utilizados, revela-nos uma grande variabilidade. O de Romariz [13] foi achado dentro de “uma espécie de ânfora de prata”, o de Ossela [15] numa pequena vasilha metálica, e o de Paiva [11] dentro de um saco de couro. Os do castro de Fiães [12] apareceram na parte superior de um estrato de incêndio, o primeiro, e num estrato escuro sobreposto por *imbrices* o segundo, sugerindo R. Centeno, com base na observação do processo deposicional, que ambos devem ter caído de qualquer local na parte superior das respectivas casas, aquando do seu incêndio ou derrube do telhado (1976:171-3). Desconhece-se naturalmente a natureza dos respectivos contentores, que podem ter sido de madeira ou têxtil, uma vez que deles não parece terem sido detectados quaisquer vestígios. Dos tesouros de Arouca, finalmente, registou-se uma espécie de caixa de tijolos para conter o achado que aparentemente se perdeu [2], revestindo-se de maior originalidade o local de depósito do tesourinho aparecido há poucos anos na Vila [3], já que os vinte pequenos bronzes se acharam escondidos no elemento dormente de uma *mola manuaris* em granito, em cuja face superior foi talhada uma pequena cavidade, onde as moedas foram ocultadas e de seguida dissimuladas com uma argamassa plástica (Silva, A.M. 1990).

Sabemos muito pouco acerca das condições que terão levado os seus possuidores ao ocultamento dos tesouros, bem como das circunstâncias que presidiram à sua perda ou abandono. O de Santa Cecília, Castelo de Paiva parece corresponder a uma perda fortuita ou então, em atenção à natureza precíval do contentor, a um esconderijo eventual e tem-

---

<sup>8</sup>Para não multiplicar citações bibliográficas remete-se o Leitor para o inventário final, onde se indica a proveniência das informações utilizadas.

porário que por qualquer razão não pôde ser recuperado. Os de Fiães, como vimos, terão sido perdidos por motivo de qualquer situação de abandono ou, mais provavelmente, de destruição, considerando R. Centeno que a sua ocultação “parece estar na sequência do clima de insegurança que se fazia sentir na Península desde a chegada dos bárbaros em 409” (1976:174). Idênticas circunstâncias de instabilidade social poderão ter conduzido à sonegação do pequeno tesouro da mó de Arouca, bem escondido e seguro sob o olhar que vigiava a farinha mas cuja memória não parece ter sobrevivido ao respectivo proprietário. Bastante interessante é também a informação conservada acerca das condições de achado do tesouro republicano de Romariz. Não só foi encontrado dentro de um vaso de prata, como incluiria, além dos 102 numismas, uma argola de ouro e “uma espécie de crescente de prata”, o que sugere uma certa desmonetização dos denários em função do seu valor ponderal argentífero, no contexto de um sistema económico de transição e de circulação ainda restrita da moeda, o que se coaduna com a precocidade deste acto de entesouramento, que poderá ter constituído um tesouro público, comunitário, (Centeno 1977:212)<sup>9</sup> ocultado por volta de 74-72 a.C., nos últimos anos das guerras sertorianas, segundo propõe o mesmo A. (*Ibid.*).

Um segundo grupo de achados monetários é constituído pelas ocorrências em estações arqueológicas, quer decorrentes de escavações científicas, quer ainda por achados fortuitos ou revolvimentos de curiosos. Importa salientar, antes de mais, que a informação disponível neste domínio está extremamente subregistada, valendo apenas como referência tópica de existência de material monetário e indicação cronológica genérica. Com efeito, os achados conhecidos provenientes de castros ou de necrópoles romanas não representam por certo, pelo menos em termos quantitativos, as peças efectivamente recolhidas, já pelo facto de se tratar, em diversos casos, de escavações antigas deficientemente registadas e cujo espólio se dispersou, já por esse fenómeno tão típico da sonegação do colecionismo e do “entesouramento” hodierno que entre as peças arqueológicas afecta as numismáticas de modo particular.

Na verdade, entre as necrópoles tardo-romanas, só as de Campo da Torre [10] e Valbeirô [9] forneceram conjuntos apreciáveis de moedas documentadas. Das de Espiunca [4], Folgoso [8] e Valadares [23], os registos disponíveis enumeram apenas um total de quatro moedas (!), valor irrelevante tendo em conta a extensão e o número de sepultamentos naquelas necrópoles. Facto semelhante verifica-se acerca dos achados monetários em castros e outras estações arqueológicas, que sintetizamos no quadro seguinte.

---

<sup>9</sup>Acerca do entesouramento habitual de uma parte significativa da moeda de prata republicana, eventualmente em tesouros “oficiais”, cfr. a pertinente observação de J. Alarcão (Alarcão & Encarnação 1990: 438 e nota 61).

## QUADRO I

Inv.	Estação	Achados de escavação arqueológica	Achados avulsos	Total
[1]	Cabeço do Vouga	4	1	5
[5]	Valinhas	9	?	9
[6]	Cacia	-	1	1
[12]	Fiães	c. 1000 (147 de dois tesouros)	?	c. 1000
[13]	Romariz	3	102 (tesouro)	105
[15]	Ossela	1	2 + 130 (tesouro)	133
[16]	Ul	3	5	8
[19]	Monte Murado	-	13	13
[22]	Igreja do Bom Jesus de Gaia	3	-	3

Neste conjunto de estações, correspondentes a castros romanizados ou assentamentos de outra tipologia, o número de numismas registados é também, descontando-se os tesouros, vestigial, se bem que sejam comuns, no entanto, as indicações populares ao achado de moedas, cujo rasto se perdeu. Exceptuam-se, naturalmente, os exemplares procedentes de escavações arqueológicas, destacando-se neste domínio a grande quantidade de peças provenientes do castro de Fiães, mas se aqui o rigor é maior, faltam-nos em muitos casos os respectivos contextos estratigráficos e o catálogo das moedas.

Finalmente, algumas considerações acerca dos achados avulsos, nomeadamente em locais à partida não identificados com estações arqueológicas, como sucede com as descobertas de Macinhata da Seixa [14] e Coimbrões [20]. Também aqui o subregisto é imenso, já que, se praticamente por toda a região são correntes as alusões ao achado de moedas mais ou menos avulsas, escassas são as que sobrevivem nas monografias locais ou chegam a outras publicações, a menos que se trate de exemplares excepcionais, como aconteceu com o *solidus* de Macinhata. Na verdade, como salienta Grierson, o registo cumulativo dessas descobertas individuais, pese embora o risco que comportam no que toca ao contexto de achado e momento de perda, pode revelar-se de grande significado não só para a detecção de locais arqueológicos desconhecidos, como também para a avaliação da circulação efectiva de determinados espécimes (1976:169), já que o descarte fortuito não tem a selectividade e especificidade de um tesouro ou depósito funerário, por exemplo, valorizando-se por isso como amostragem de certo modo aleatória<sup>10</sup>.

<sup>10</sup>Até certo ponto, bem entendido, uma vez que, como tem sido observado, as peças mais valiosas que eventualmente se perdessem seriam por certo objecto de buscas mais aturadas para a sua recuperação.

Nas Estampas I e II cartografámos as ocorrências monetárias verificadas, destacando os tesouros em particular mas também classificando-as por grandes períodos cronológicos: moedas gregas; republicanas, alto-imperiais e dos sécs. III-IV. No essencial, a informação disponível é demasiado escassa para uma aproximação fundamentada ao afluxo e circulação da moeda romana na região, pelo que apenas podemos fazer algumas observações de carácter mais geral.

A raridade de peças republicanas, que ocorrem unicamente no castro de Romariz, corresponde à situação verificada em todo o Noroeste hispânico, documentando afinal um momento em que o contacto com a moeda seria esporádico e muito localizado, antes do aprovisionamento regular de massas monetárias, que se terá iniciado apenas com Augusto (Centeno 1987:281). Ainda assim, e certamente em função do subregisto dos numismas imperiais, a centena de denários daquele tesouro é percentualmente muito superior, no conjunto das ocorrências do Entre Douro e Vouga, ao peso da moeda republicana na numária de Conimbriga, onde não excedeu os 0.46% (Pereira *et al.* 1974:195).

Já a escassez das emissões dos sécs. I e II (que não atingem sequer 0.5% no material que documentámos) não nos parece muito normal, mesmo tendo em conta a rarefacção da massa circulante após o encerramento das oficinas hispânicas nos reinados de Calígula ou Cláudio<sup>11</sup> e que só foi superada no século II (Centeno 1983:199; 1987:281-2). Em Conimbriga, mesmo pouco significativa, a moeda alto-imperial atinge ainda os 3.87% (Pereira *et al.* 1974:217), pelo que, se podemos tomar esta estação como “exemplificativa [da circulação] de toda a fachada atlântica entre Tejo e Douro” (Alarcão e Encarnação 1990:438), o peso das emissões de Augusto aos Antoninos deverá aumentar à medida que as escavações progredirem ou se documentem melhor os achados antigos da nossa região. Note-se de passagem, contudo, e mesmo sendo a amostra de pouca fiabilidade, como vimos, o facto curioso da ocorrência mais numerosa (4 exemplares) ter sido detectada no Monte Murado (Vila Nova de Gaia) [19], castro onde o achado de duas *tesserae hospitales* permitiu documentar, precisamente na primeira década da nossa era, a presença de pelo menos uma família romana que a breve trecho conquista posição de relevo na comunidade (Silva, A.C. 1983; Fabião 1992:247).

Por fim, os exemplares numismáticos dos séculos III e IV, mesmo subapreciados, particularmente no que às necrópoles diz respeito, constituem largamente as peças mais representadas, ultrapassando os 90% no total das ocorrências contabilizadas, o que sucede igualmente em Conimbriga e é facto muito comum, aliás, na maioria das estações romanas do Ocidente (Pereira *et al.* 1974:217). A nota mais saliente, a este propósito, é a total dominância das emissões constantinianas, muito especialmente a partir de Constante

---

<sup>11</sup>Cfr. para esta problemática Alarcão & Encarnação 1990:440, nota 66.



e Constâncio II (Centeno 1983:200). Em contrapartida, as moedas do século III surgem por ora na nossa região em quantidade pouco significativa. Mesmo não incluindo no cômputo a numária de Fiães, com um valor modal excessivamente grande no conjunto das ocorrências (perto de um milhar de numismas), as emissões dos Severos, nomeadamente antoninianos de Cláudio II, andarão apenas pelos 4% no conjunto das cunhagens dos dois séculos, muito longe portanto dos 23% registados em Conimbriga (Pereira, *ibid.*).

As elevadas ocorrências de espécimes monetários do século IV no Noroeste Peninsular tem sido associadas a um surto inflacionário após 335 (Centeno, *ibid.*), eventualmente potenciado por um efectivo incremento da produção e do comércio externo (Alarcão & Encarnação 1990:441). A níveis mais localizados, porém, a importância de alguns centros habitacionais, funcionando porventura como centros redistributivos, poderá também complementar aquelas explicações, como foi avançado a propósito de Fiães, onde se registou importante e variado espólio tardio (Almeida, C.A.F. & Santos 1971:157).

Um último aspecto que julgamos merecer destaque, no contexto das emissões teodosianas, é o aparecimento, fortuito, de dois *solidi* de Honório (Est. III), um na limpeza de um poço em Cacia [06], outro por ocasião de trabalhos agrícolas, em Macinhata da Seixa [14]. A classificação deste último e a revisão da identificação errónea do primeiro, levaram-nos a verificar tratar-se de peças muito semelhantes, correspondentes a tipos cunhados em 394-395 (*RIC*, IX:83-4, 35c), com a particularidade de ostentarem ambas marca dos *ateliers* de Milão. A possibilidade de se tratar de cunhagens suévicas imitando tipos tardo-romanos, já apontada para o exemplar de Cacia com base no aspecto algo grosseiro e imperfeito da moeda (Sarabando 1976:39), ganha talvez maior força com a descoberta deste segundo *solidus*, tendo em conta que a marca *MD* (em campo) parece ser exclusiva de territórios suévicos, nomeadamente em solo hoje português (Metcalf 1993:359)<sup>12</sup>. A ser assim, o achado em regiões tão próximas de duas peças relativamente raras parece-nos particularmente importante, mesmo escapando um pouco ao âmbito cronológico da nossa investigação, a confirmar-se o carácter de imitações e a datação sueva dos numismas<sup>13</sup>.

Se os dados que compilámos podem trazer mais alguma luz sobre o afluxo e circulação da moeda romana nesta região durio-vaucense, a sua análise como agente da romanização confina-se a algumas ideias gerais. Na verdade, estamos ainda longe de perceber como gostaríamos a diacronia e as modalidades da difusão da moeda, os seus veículos, o modo como a pouco e pouco foi penetrando, para completamente revirar, a dinâmica da economia indígena. Se, como tem sido salientado, o exército legionário foi, a par dos

<sup>12</sup>Naturalmente, uma análise melhor documentada exigiria o exame físico das peças, mormente a sua pesagem, o que é difícil para o exemplar de Cacia, por se desconhecer o seu paradeiro.

<sup>13</sup>Cfr. Metcalf 1993 e Cabral & Metcalf 1997 para revisão recente desta problemática.

comerciantes, uma das fontes privilegiadas do aprovisionamento de moeda<sup>14</sup>, funcionando o *stipendium* e as necessidades de abastecimento militar como receita multiplicadora, pela criação de “indústrias” de serviços e manufactureiras relevantes para a manutenção das tropas (Casey 1992:97), o facto é que na nossa região de estudo as expedições militares não parecem ter sido, a avaliar pelas fontes escritas, particularmente intensas ou prolongadas, nem se documenta a instalação de acampamentos em redor dos quais as *canabae* pudessem proliferar. Na realidade, o asse de *P. Carisius* encontrado em Fiães, de 22-21 a.C. (Almeida & Santos 1971:157) é o único testemunho de emissão militar que se adequa um pouco àquele modelo, considerado recentemente pouco realista para a romanização das Ilhas Britânicas, nomeadamente para períodos anteriores a Trajano (Casey, *ibid.*).

Um outro aspecto que queremos observar, a propósito das emissões republicanas e do Alto Império, é o de que a ocorrência de espécimes numismáticos cunhados em metais nobres ou emitidos em metais e ligas de outra natureza, à margem da história monetária e dos fluxos económicos propriamente ditos, pode corresponder, num plano simbólico, a diversas fases do contacto cultural.

Na realidade, as cunhagens em ouro ou prata, por um fenómeno de recorrência ou reinterpretação em relação a matérias-primas desde há muito valorizadas no mundo indígena, possuíam um valor intrínseco em relação à quantidade de ouro ou prata que incorporavam, podendo por essa razão ser assimiladas com maior facilidade aos mecanismos de troca e oferta cerimonial porventura existentes nas sociedades autóctones, como já assinalámos. Por outro lado, as emissões de cobre ou bronze, por exemplo, requeriam de forma mais significativa, para a sua efectiva utilização num contexto de economia de mercado, que o seu valor fiduciário fosse reconhecido por todos os intervenientes nos processos de troca, pressupondo, deste modo, um maior grau de integração socio-económica. Assim, a maior abundância de numerário do século IV, pode significar, na nossa região, além de um reflexo de maior massa monetária circulante, também um momento de efectiva “generalização” do uso de dinheiro amoedado, o que se coaduna com as perspectivas de romanização tardia que apontamos, particularmente para as áreas mais interiores do Entre Douro e Vouga.

---

<sup>14</sup>Cfr. por ex. Roldán Hervas 1986:37; Centeno 1987:216; Alarcão & Encarnação 1990:437.

## INVENTÁRIO

*Ordenação dos descritores*

- Nº de catálogo
- Código Geográfico Nacional
- 1. Concelho, freguesia, lugar
- 2. Tipo de achado (avulso, ocorrência em estação arqueológica, tesouro)
- 3. Contexto
- 4. Descrição, quantidade e tipo de exemplares
- 5. Cronologia
- 6. Referências e observações

## 01

01 01 10

1. *Águeda, Lamas, Cabeço do Vouga.*
2. Estação arqueológica (castro).
3. Impreciso. Um número indeterminado de moedas procedem de trabalhos agrícolas ou achados fortuitos. Três exemplares ocorreram nas escavações arqueológicas de 1941 e outra em intervenções realizadas recentemente (1996).
4. É desconhecido o número total de moedas aparecidas (Madahil 1941:70,77). Estão apenas descritos, sumariamente, quatro numismas de cobre: 1 de Quintilo, 1 de Galieno e 2 do séc. IV, um provavelmente de Constantino II e outro de Roma (rev. com loba e gémeos) (*Idem*, 84-87). A moeda encontrada nos trabalhos arqueológicos modernos, muito mal conservada, parece ser do séc. IV<sup>15</sup>.
5. Séculos III-IV.
6. Madahil 1941.

## 02

01 04 00

1. *Arouca.*
2. Tesouro (?)
3. Impreciso. O achado ocorreu, segundo Pinho Leal, em 1872, estando as moedas “entre seis grossos tijolos” (Leal 1873).

---

<sup>15</sup> Agradecemos a Fernando A. Pereira da Silva, do Gabinete de Arqueologia da C. M. de Águeda e responsável pelos trabalhos arqueológicos recentes na estação, a informação sobre esta moeda.

4. "Várias moedas romanas, de prata e cobre, antiqüíssimas" (*Idem*).
5. Indeterminada.
6. Leal 1873 (s.v. "Arouca") noticia o achado, referido desde então em dicionários corográficos congéneres, acrescentando ainda que as moedas terão sido, naquela ocasião, doadas ao Museu Municipal do Porto<sup>16</sup>.

### 03

01 04 03

1. *Arouca, Arouca, Vila*.
2. Tesouro.
3. O tesouro apareceu em 1986, entre os entulhos de uma lixeira. Apurou-se que se tratava de materiais de demolição de uma antiga residência da vila, a Casa da Aborrida. Entre eles contava-se um elemento dormente de uma mó giratória granítica, em cuja face superior, escondidas num pequeno entalhe e dissimuladas com uma argamassa plástica, se acharam as moedas.
4. O pequeno tesouro era composto por 20 peças numismáticas, das quais estudámos 19, tendo-se dispersado a vigésima. Todos os exemplares são do período de Constâncio II e Valentiniano II, com cronologias entre 337 e 383, parecendo configurar um tesouro ocultado entre os finais do século IV meados do século V.
5. 2º e 3º terço do século IV.
6. Silva, A. M. 1990.

### 04

01 04 10

1. *Arouca, Espiunca, Alvariça*.
2. Estação arqueológica (necrópole).
3. A necrópole, escavada e revolvida em meados do presente século forneceu estelas epigrafadas, em xisto, e materiais arqueológicos típicos das necrópoles romanas tardias da bacia terminal do Douro, bem como moedas, cujo número e relação com as sepulturas e restante espólio se ignora completamente.
4. Número indeterminado. Um exemplar foi classificado como tendo sido emitido sob Galieno (Simões Júnior 1959:17-8), o que não podemos confirmar mas não surpreende, dada a comum ocorrência de moedas do terceiro século em contextos mais tardios.
5. Séc. III.
6. Simões Júnior 1959.

---

<sup>16</sup> Buscas efectuadas no Gabinete de Numismática da Câmara Municipal do Porto (para onde transitou, após ter estado no Museu Nacional Soares dos Reis, o espólio numismático do antigo Museu Municipal) revelaram-se infrutíferas. Agradecemos a colaboração, para este efeito, de Filipe Teixeira, técnico responsável daquele Gabinete.

## 05

01 04 16

1. *Arouca, Santa Eulália, S. João de Valinhas.*
2. Achado de estação arqueológica (castro).
3. Nas intervenções arqueológicas que têm tido lugar nesta estação ocorreram entre 1993 e 1997 nove moedas romanas. A maior parte foram localizadas em níveis tardo-romanos e alti-medievais, pertencendo outras a níveis relativamente superficiais de encosta.
4. Com excepção de um numisma de Severo Alexandre, ilegível, todos os restantes exemplares correspondem a cunhagens do século IV, pertencendo a séries comuns de *nummus* e *Æ3*, dos tipos *GLORIA EXERCITVS, FEL TEMP REPARATIO, SECVRITAS REIPVBLICAE*, etc.<sup>17</sup> Há também referências imprecisas a achados ocasionais.
5. Séculos III e IV.
6. Silva, A.M. 1995 (para o contexto arqueológico).

## 06

01 05 02

1. *Aveiro, Cacia, Torre.*
2. Achados avulsos numa estação arqueológica (castro romanizado?).
3. Para além de informações respeitantes a achados dispersos (Souto 1958:255), uma moeda apareceu na limpeza de um poço, a uma profundidade entre 12 e 15 metros (Sarabando 1976:38).
4. Trata-se de um *solidus* de ouro de Honório (Est. III.1). Sarabando, que noticia o achado da moeda (cujo paradeiro actual se desconhece) apresenta a classificação que dela fez, por fotografia, Sousa Oliveira, sendo a leitura bastante errónea (*id.*). O numisma, de tipo afim ao encontrado em Macinhata da Seixa (*vd. infra*, nº 14), corresponde ao tipo cunhado em Milão entre 394 e 395 (*RIC*, IX, p. 83-84, nº 35c). A possibilidade de se tratar de uma emissão sueva imitando o tipo romano, levantada já por J. Sarabando (*ibid.*) com base no aspecto grosseiro que aparenta é bastante plausível, podendo ser determinante para tal conclusão uma análise metroológica. Aliás, a ocorrência de imitações suevas de *solidi* de Honório com marca milanese tem sido recentemente re-analisada (Metcalf 1993:359; Cabral & Metcalf 1997:393-423), muito embora permaneça problemática a sua cronologia efectiva (Metcalf 1993:358; Cabral & Metcalf 1997:235-53).
5. 393-423.
6. Souto 1958; Sarabando 1976.

---

<sup>17</sup> Agradecemos a colaboração de José Marcelo Mendes Pinto e Rui S. Centeno para a classificação destas moedas.

## 07

01 06 00

1. *Castelo de Paiva*.
2. Tesouro.
3. Refere-se apenas o aparecimento de um saco de couro, contendo o tesouro.
4. Tesouro de 2000 moedas, com o peso de 5 kg. Parece tratar-se de um tesouro do séc. IV, já que na notícia se indica a presença de moedas de Aureliano, Constantino e "Gregoriano" (?).
5. Séc. IV.
6. Bouza Brey 1955:387.

## 08

01 06 05

1. *Castelo de Paiva, Raiva, Folgoso/Picoto*.
2. Estação arqueológica (necrópole).
3. Tratar-se-á de uma necrópole, dado que se refere o aparecimento de sepulturas, uma inscrição funerária semelhante às de Espiunca (Arouca), um anel e materiais cerâmicos.
4. Regista-se a ocorrência de "uma moeda que não se pôde classificar por estar muito gasta" (Aguiar 1944:168).
5. Indeterminada.
6. Aguiar 1944.

## 09

01 06 07

1. *Castelo de Paiva, Santa Maria de Sardoura, Valbeirô*.
2. Estação arqueológica (necrópole).
3. Trata-se de uma necrópole de incineração com, pelo menos, cerca de 30 sepulturas, das quais foram escavadas sete. Na sepultura nº 3 acharam-se cinco moedas, encontrando-se outro exemplar na sepultura nº 4 (Dias 1994:118-9).
4. Na sepultura nº 3 encontraram-se um asse (Roma?, séc. I-II) e quatro antoninianos, um de Galieno (Roma?, 260-268) e os restantes de Cláudio II (cunhados em Roma entre os anos de 268 e 270). Na sepultura nº 4 achou-se outro asse, de Trajano, cunhado provavelmente em Roma entre 98 e 117 (*Idem, ibid.*). O estado de grande desgaste em que se achavam os antoninianos do terceiro século, e sobretudo dos asses alti-imperiais, a acusar intensa circulação, levaram a datar estes depósitos monetários, bem como a generalidade da necrópole, no século IV (*Ibid.*: 118, 132).
5. Séc. IV.
6. Dias 1985, 1994.

## 10

01 06 07

1. *Castelo de Paiva, Santa Maria de Sardoura, Campo da Torre*
2. Estação arqueológica (necrópole)
3. Serpa Pinto notícia o achado de uma necrópole, "da segunda metade ou fins do séc. IV", que forneceu 15 moedas.
4. Três das moedas não puderam ser classificadas, as restantes eram do séc. III e um outro bronze era de *Caius Iulius Crispus*.
5. Séculos III-IV.
6. Gonçalves 1989:472-3.

## 11

01 06 09

1. *Castelo de Paiva, Sobrado, Santa Cecília*.
2. Tesouro.
3. Apareceu num campo do lugar de Santa Cecília, num saco de couro que logo se desfez (Pinho 1947:54).
4. Trata-se de moedas de meados do século IV, entre Constante e Valente. O tesouro não está quantificado, mas M. Pinho, que dele dá a primeira notícia, distribui o material numismático em 9 tipos, a cada um dos quais diz corresponderem "várias moedas", o que permite supor, talvez, cerca de 30 exemplares. A sua composição parece afim da do tesouro de Arouca (*vd. supra*, nº 3).
5. 2º e 3º terço do séc. IV.
6. Pinho 1947:54-57; Hipólito 1961:48-49.

## 12

01 09 07

1. *Feira, Fiães, Monte de Santa Maria/Monte Redondo*
2. Estação arqueológica (castro) / 2 tesouros.
3. Em escavações arqueológicas antigas Mendes Correia regista a ocorrência de "algumas centenas de moedas" (Correia 1925:92), aludindo também ao que poderia ter sido um tesouro, supostamente aparecido dentro de "uma saca de esteira" (*id.* 94). Nas intervenções arqueológicas de 1971-1974 apareceram perto de um milhar de moedas. C. A. F. Almeida & E. Santos referem cerca de 800 (300 fragmentadas), que indicam não proceder de qualquer tesouro (1971:57) e, em trabalho subsequente mais seis exemplares (*Idem* 1972:9). R. Centeno estudou um tesouro aparecido em 1973 e outro em 1974, aparentemente depositados nos telhados ou na parte superior das habitações, segundo análise do processo deposicional (Centeno 1976:172-3).
4. Mendes Correia explicita que entre o material numismático que observou predominavam os espécimes do séc. IV, muito embora refira também uma moeda de ouro de Adriano (Correia 1925). O abundante material numismático noticiado por Almeida & Santos é composto, quase na íntegra, por pequenos bron-

zes, 4, do séc. IV, à excepção de um asse de Carisíó (22-21 a.C.) e um sestércio da Diva Augusta Faustina, de meados do século II (1971:157; 1972:9). Os tesouros publicados por Centeno têm a seguinte constituição: o de 1973 é de 103 moedas, e além de um numisma de Cláudio II, todos os restantes pertencem a  $\text{Æ}2$ , 3 e 4 do séc. IV, emitidos entre Constâncio II e Honório. O tesouro de 1974 era composto por 44 moedas, do século IV também, mediando as identificadas entre Constantino II e Arcádio. O mesmo A. propõe que o ocultamento de ambos os tesouros poderá ter ocorrido em meados do séc. V (1976:174).

5. Sécs. I a.C., I, II, III e IV (a quase totalidade).

6. Correia 1925; Almeida & Santos 1971; *Idem* 1972; Centeno 1976.

### 13

01 09 22

1. *Feira, Romariz, Monte do Castro.*

2. Tesouro (aparecido num castro).

3. O tesouro foi achado casualmente, em trabalhos agrícolas, dentro de “uma espécie de ânfora de prata”.

4. Além de uma argola de ouro e “uma espécie de crescente de prata”, encontraram-se 102 moedas (102,5 segundo Pinho Leal), das quais puderam classificar-se 72 exemplares a partir de um inventário publicado em 1843. Trata-se de 71 *denarii* republicanos e um ibérico (do *atelier* de *Secobirices*). Centeno propõe o momento de 74-72 a.C. para a ocultação do tesouro, em data relacionada com a fase final das guerras sertorianas. Adianta ainda a hipótese de tratar-se de um tesouro público, comunitário (1976-77:212).

Nas escavações recentes apareceram três denários: um de *Brutus* (54 a. C.), outro de *Tiberius* e outro de *Nero Drusus* (41-45 d.C.) (Silva, A.C.1986:53, nota 305).

5. Entre 157-156 e 74 a.C. e meados do séc. I.

6. Santos 1940; Centeno 1977; Silva, A.C. 1986; Pinho Leal (1874:201) refere também a existência de moedas do Império, sem precisar qualquer outro detalhe.

### 14

01 13 06

1. *Oliveira de Azeméis, Macinhata da Seixa, Alto do Monte.*

2. Achado avulso.

3. Achado ocasional, em 1984 ou 1985, no decurso de trabalhos agrícolas.

4. Trata-se de um *solidus* em ouro de Honório, idêntico ao aparecido em Cacia (*vd. supra*, nº 6) e também com marca de *Mediolanum* (*RIC*, IX, p. 83-84, nº 35c). As considerações que fazemos acerca do sólido de Cacia podem igualmente aplicar-se a esta peça, que todavia parece de melhor cunho, a avaliar pela foto publicada (que reproduzimos, Est. III.2), uma vez que nunca tivemos acesso directo ao exemplar numismático.

5. 393-423.

6. Noticiado por Maurício A. Fernandes n’A *Voz de Azeméis* (Ano XV, 349, de 8/2/1985) e posteriormente em Fernandes & Basto (1985:74, nota 4 e Est.).



## 15

01 13 10

1. *Oliveira de Azeméis, Ossela, Castro.*
2. Tesouro (aparecido num castro) e achados avulsos da mesma procedência.
3. De um tesouro aparecido no castro de Ossela por volta de 1920-1921, dentro de uma pequena vasilha metálica que não se conservou, conhece-se a sua quase totalidade (130 moedas), parte em posse de um particular (84 numismas) e a parte restante nas colecções do Museu Regional de Oliveira de Azeméis (46 exemplares). Registam-se ainda outras duas moedas aparecidas casualmente naquele povoado e há notícia de uma terceira.
4. A moeda mais antiga do tesouro é um antoniniano cunhado sob Galieno (Roma, 260-294), sendo a mais recente um exemplar do tipo *SALVS REIPVBLICAE*, cujas emissões devem ter cessado em 402 (Silva, A.M. & Pinto 1995:55). A restante estrutura do tesouro estende-se ao longo do século IV, com maior expressão nos períodos monetários de 347-348 (24 moedas), 351-356 (25 exemplares) e 383-408 (25 peças) (*Idem*, 55ss.). Os numismas avulsos identificam-se como um *nummus* de Constantino II (*Siscia*, 320) e um *Æ3* de Juliano (*Cyzicus*, 355-361) (Silva, A.M. & Teixeira 1994:75), havendo ainda registo do aparecimento de outro pequeno bronze, de Constantino (VV.AA.1909:302; Sousa 1960:15).
5. Séc. IV.
6. VV.AA. 1909; Sousa 1960; Silva, A.M. & Teixeira 1994; Silva, A.M. & Pinto 1995.

## 16

01 13 17

1. *Oliveira de Azeméis, Santa Maria de Ul, Castro.*
2. Achados de estação arqueológica (castro).
3. Cinco exemplares são provenientes de achados avulsos e foram doados ao Museu Regional de Oliveira de Azeméis por um particular. Três outros apareceram nas escavações arqueológicas efectuadas no castro em 1985, se bem que o seu contexto não seja indicado (Marques 1989:71).
4. Os exemplares analisados, em número total de 7 (5 avulsos, 2 provenientes de escavações arqueológicas) são pequenos bronzes pertencentes a tipos e cunhagens do séc. IV, referenciando-se três peças de Constante (Roma, 337-348 e Arles, 348-350), outro *nummus* de *Vrbs Roma* (Arles, 337-340), sendo os restantes de cronologia idêntica mas impossíveis de classificar pelo seu mau estado (Silva, A.M. & Teixeira 1994:70).
5. Séc. IV.
6. Marques 1989; Silva, A.M. & Teixeira 1994.

## 17

01 16 01

1. *São João da Madeira, S. João da Madeira, Casa do Morgado.*
2. Tesouro.
3. Impreciso. O achado terá ocorrido em começos de 1995, durante as obras para a construção de um

supermercado, nas imediações da “Casa do Morgado”, desconhecendo-se entretanto o paradeiro das moedas.

4. Tratar-se-ia de um conjunto de 65 moedas em ouro.

5. Indeterminada.

6. *O Regional*, S. João da Madeira, Maio 1995.

## 18

13 17 07

1. *Vila Nova de Gaia, Gulpilhares, Alto da Vela*.

2. Achados de estação arqueológica (necrópole).

3. O contexto arqueológico preciso das moedas no quadro da necrópole do Alto da Vela II (assim se designa a fase romana, para a distinguir de Alto da Vela I, correspondente à Idade do Bronze) é desconhecido, uma vez que a escavação em área do local decorreu em 1908, sendo lacunar o respectivo registo. Recente revisão do espólio e outra documentação desta necrópole (Lobato 1995) permitiu porém clarificar a natureza do material numismático, referido de forma muito lacónica na notícia publicada após a sua escavação inicial (Fortes 1908:18).

4. Referenciam-se nesta necrópole sete moedas de bronze, duas das quais, do tipo *GLORIA EXERCITVS*, são um *nummus* de Constantino I (Arles, 336) e outro de Constante (Roma, 337-340) (Lobato 1995:68). Os restantes numismas, aparentemente perdidos, são apresentados nos relatórios de J. Fortes como “um médio bronze, n.º 6 da escala numismática de Mionnet, absolutamente fruste, em que se não se percebe nem os tipos, nem as legendas do anverso e reverso; um pequeno bronze, n.º 4 da escala, onde apenas se decifra a fórmula final do nome do imperador - P.F. AVG; três outros de tal modo cerceados que as legendas desapareceram por completo” (*Idem, ibid.*).

5. Séc. IV.

6. Fortes 1909:15-18; Lobato 1995:68.

## 19

13 17 13

1. *Vila Nova de Gaia, Pedrosa/Perosinho, Monte Murado/Sª da Saúde*

2. Achados de estação arqueológica (castro).

3. Impreciso. Trata-se de exemplares numismáticos conservados em colecções particulares.

4. Moedas em quantidade indeterminada. A. M. Lima classificou 13 numismas, assim distribuídos: um asse de Augusto e dois de Cláudio, um antoniniano de Cláudio II (270) e 8 pequenos bronzes do séc. IV (Hanibaliano, Constâncio, Constante, Juliano, Valentiniano I). A existência de uma outra moeda, de Antonino Pio, é também referida (Lima 1989).

5. Séculos I, III, IV.

6. Lima 1989.

## 20

13 17 16

1. *Vila Nova de Gaia, Santa Marinha, Coimbrões.*
2. Achados avulsos, muito embora a existência de uma estação arqueológica não seja de excluir.
3. Impreciso. Trata-se de achados ocasionais em trabalhos agrícolas e outros revolvimentos de terras, nas proximidades da igreja de Santa Bárbara de Coimbrões.
4. Um primeiro achado, em 1932, reporta-se a uma moeda de prata, que terá sido classificada por Damião Peres como sendo do séc. II. Este numisma foi posteriormente doado à Casa-Museu Teixeira Lopes (Vila Nova de Gaia). Cerca de 1950, em local próximo, apareceram uma fíbula e duas moedas de cobre, que entretanto se perderam. Uma delas seria um antoniniano de Cláudio II.
5. Sécs. II-III (?).
6. Duarte 1987.

## 21

13 17 16

1. *Vila Nova de Gaia, Santa Marinha, Serra do Pilar.*
2. Achado avulso.
3. Impreciso. As moedas terão aparecido, *ante* 1928, ao abrir os alicerces de uma casa “próximo” da Serra do Pilar.
4. Trata-se de duas tetradracmas de prata, uma de Atenas, de finais do séc. V a.C., outra de Alexandre III, cunhada em Miriandro, c. de 326-323 a.C. Com base em características particulares das peças, M. C. Hipólito (1983) concluiu que terão circulado pelo Oriente, duvidando fortemente de ser a Serra do Pilar a efectiva proveniência do achado. R. Centeno discorda, apontando a possível procedência egípcia das moedas, e propõe que podem ter chegado aqui pelos finais do séc. IV/inícios do III a.C. (1987:190-191, nota 32). Diz ainda que as duas tetradracmas proviriam de um achado maior, de entre 6 a 8 moedas (*Id.*:281), o que poderá eventualmente sugerir um pequeno acto de entesouramento (?).
5. Sécs. V-IV a.C.
6. Correia 1928:204-205, nota 2; Hipólito 1983; Centeno 1987:190-192,281.

## 22

13 17 16

1. *Vila Nova de Gaia, Santa Marinha, Igreja do Bom Jesus de Gaia.*
2. Achado de estação arqueológica (estrutura romana indeterminada).
3. A igreja actual ergueu-se sobre um templo medieval, entretanto destruído. Este, por sua vez, assentava sobre as ruínas de uma construção paleocristã, de função ainda indeterminada. As moedas referenciadas apareceram, porém, em estratos de revolvimento e enchimentos de sepulturas modernas e contemporâneas.
4. Trata-se de três pequenos bronzes, muito mal conservados, atribuíveis ao século IV (Guimarães 1995:71).

5. Século IV.

6. Guimarães 1995.

23

13 17 22

1. *Vila Nova de Gaia, Valadares, Sameiro.*

2. Achado de estação arqueológica (necrópole).

3. A necrópole de incineração, tardia, foi escavada por Mendes Correia em 1920. O contexto dos achados é indefinido.

4. Referência a uma moeda de Augusto (Vasconcelos 1895:24) e a outra moeda não discriminada (Correia 1924:292), se não for a mesma.

5. Séc. I (?).

6. Vasconcelos 1895; Correia 1924.

#### BIBLIOGRAFIA CITADA

Aguiar, J. Monteiro de (1944), "Epitáfio romano de Folgoso (Castelo de Paiva)", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 10(2), Porto, SPAE, 1943-44, p.167-9.

Alarcão, Jorge de & Encarnação, José de (1990), "O domínio romano", in Alarcão, J. (Coord.), *Portugal - Das origens à romanização* ("Nova História de Portugal", I), Lisboa, Presença, p. 345-489.

Almeida, Carlos A. Ferreira de & Santos, Eugénio dos (1971), "O Castro de Fiães", *Revista da Faculdade de Letras - História*, 2, Porto, FLUP, p. 147-168.

Almeida, Carlos A. Ferreira de & Santos, Eugénio dos (1972), "O Castro de Fiães (II)", *Revista da Faculdade de Letras - História*, 3, Porto, FLUP, p. 207-14.

Bouza Brey, Fermín (1955), "Los tesorillos de monedas romanas de Tremeoedo y de Sarandón y su significado histórico en Galicia", in *III Congreso Nacional de Arqueología*, Zaragoza, p. 375-91.

Cabral, J. M. Peixoto & Metcalf, D. M. (1997), *A Moeda Sueva. Suevic Coinage*, Porto, SPN, (Anexos *Nvmmvs*, 4).

Casey, P. J. (1992), "The monetization of a third world economy: money supply in Britain in the first century AD", in Wood, M. & Queiroga, F. (eds.), *Current Research on the Romanization of the Western Provinces*, BAR S575, Oxford, Tempvs Reparatum, p. 95-99

Centeno, Rui M. S. (1976), "Numismática de Fiães: dois tesouros do Baixo-Império", *Nvmmisma*, 138-143, Madrid, p.171-85.

Centeno, Rui M. S. (1977), "O tesouro monetário do castro de Romariz (Portugal)", *Sautuola*, 2, Santander, 1976-77, p. 209-19.

Centeno, Rui M. S. (1983), "A dominação romana", in Saraiva, J. H. (dir.), *História de Portugal*, I, Lisboa, Alfa, p. 149-211.

Centeno, Rui M. S. (1987), *Circulação monetária no Noroeste de Hispânia até 192*, (Anexos *Nvmmvs*, 1), Porto, S.P.N.

- Correia, A. A. Mendes (1924), *Os povos primitivos da Lusitânia*, Porto, Figueirinhas.
- Correia, A. A. Mendes (1925), "Nótulas arqueológicas. Estação luso-romana em Fiães", *Revista de Estudos Históricos*, Ano II, 1, Porto, p. 89-97.
- Correia, A. A. Mendes (1928), "A Lusitânia pre-romana", in Peres, Damião (dir.), *História de Portugal*, I, Barcelos, p. 77-214.
- Dias, Lino A. T. (1985), "Castelo de Paiva. Necrópole de Valbeirô - Sardoura, 1982", *Informação Arqueo-lógica*, 5 (1982-83), Lisboa, IPPC, p. 37-8.
- Dias, Lino A. T. (1994), "Necrópoles no *territorium* de *Tongobriga*", *Conimbriga*, 32-33, Coimbra, IAFLUC, 1993-1994, p. 107-136.
- Duarte, Júlio (1987), "Coimbrões - povoação de remota antiguidade", *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, 22, Vila Nova de Gaia, p. 62.
- Fabião, Carlos (1992), "O passado proto-histórico e romano", in Mattoso, J. (dir.), *História de Portugal. I - Antes de Portugal*, Lisboa, Circ. Leitores, p. 79-299.
- Fernandes, Maurício A. & Bastos, Manuel P. (1985), *Macinhata da Seixa. Documentada mostragem da terra e evolução de seu povo*, Oliveira de Azeméis, Câmara Municipal.
- Fortes, José (1909), "Gaya no passado" in Arroyo, Antonio *et al.*, *Mea Villa de Gaya*, Porto, p. 9-28.
- Gonçalves, António H. Bacelar (1989), "Novos inéditos de Rui de Serpa Pinto", *Póvoa do Varzim. Boletim Cultural*, XXVI (2), Póvoa de Varzim, p. 467-97.
- Grierson, Philip (1976), *Monnaies et monnayage. Introduction à la numismatique*, Paris.
- Guimarães, J. A. Gonçalves (1995), *Gaia e Vila Nova na Idade Média: Arqueologia de uma área ribeirinha*, Porto, Univ. Portucalense.
- Hipólito, Mário de Castro (1961), "Dos tesouros de moedas romanas em Portugal", *Conimbriga*, 2-3, Coimbra, IAFLUC, 1960-61, p. 1-166.
- Hipólito, Mário de Castro (1983), "As moedas gregas da Serra do Pilar (Vila Nova de Gaia)", *Arqueologia*, 8, Porto, GEAP, p. 75-82 [publicado também em *Nvmmvs*, 2ª Série, IV/V/VI, Porto, S.P.N., 1981-1983, p. 81-90].
- Leal, Augusto Pinho (1873), *Portugal Antigo e Moderno. Dicionário...*, I, Lisboa.
- Leal, Augusto Pinho (1874), *Portugal Antigo e Moderno. Dicionário...*, II, Lisboa.
- Lima, António M. Carvalho (1989), *O Castro da Senhora da Saúde ou Monte Murado (Pedroso / Perosinho, V. N. Gaia) - Proposta de classificação como imóvel de interesse público. Memória descritiva e justificativa*, dactil., V. N. Gaia.
- Lobato, Maria J. Folgado (1995), "A necrópole romana de Gulphilhares (Vila Nova de Gaia)", *Portugalia*, Nova Série, XVI, Porto, IAFLUP, p. 31-110.
- Madahil, António G. Rocha (1941), *Estação luso-romana do Cabeço do Vouga. I. Terraço subjacente à Ermida do Espírito Santo ou da Vitória*, sep. de "Arquivo do Distrito de Aveiro", 7, Aveiro.
- Marques, José A. Maia (1989), "Escavações no Castro de UI (Oliveira de Azeméis). Primeira Notícia", *Revista de Ciências Históricas*, 4, Porto, Univ. Portucalense, p. 65-89.
- Mauss, Marcel (1988), *Ensaio sobre a dádiva*, Lisboa, Edições 70 (ed. orig. 1950).
- Metcalf, D. M. (1993), "The coinage of the first and second suevic kingdoms: from *Romanitas* to Latinization", in VV.AA., *Galicja: da romanidade à xermanización. Problemas históricos e culturais (Actas do encontro científico em homenagem a Fermin Bouza Brey (1901-1973))*, Santiago de Compostela, Museo do Pobo Galego, s/d (1993), p. 355-65.

Naveiro Lopez, Juan L. (1991), *El Comercio Antiguo en el N.W. Peninsular. Lectura histórica del registro arqueológico*, "Monografias Urxentes do Museu", 5, A Coruña, Museu Arqueológico.

Oliveira, Ernesto Veiga de (1955), "Trabalhos colectivos gratuitos e recíprocos em Portugal e no Brasil", *Revista de Antropologia*, 3 (1), São Paulo, p. 21-43.

Pearce, J. W. E. (1988), *The Roman Imperial Coinage* (eds. Mattingly et. al.). Vol. IX - *Valentinian I - Theodosian I*, 4ª ed., London, Spink & Son [= RIC, IX].

Pereira, Isabel, et al. (1974), *Fouilles de Conimbriga. III - Les Monnaies*, Paris, Diffusion de Boccard.

Pinho, Margarida R. M. (1947), *Elementos para a história de Castelo de Paiva*, Coimbra [reed. C. M. Castelo de Paiva, 1991].

Renfrew, Colin (1986), "Introduction: peer polity interaction and socio-political change", in Renfrew C. & Cherry, J. F. (eds.), *Peer polity interaction and socio-political change*, Cambridge, CUP, p. 1-17. RIC, IX: v. Pearce 1988.

Roldán Hervás, Jose Manuel (1986), "La incidencia del ejército romano en el poblamiento del NO. de Hispania", in Arcadio del Castillo (ed.), *Ejército y Sociedad. Cinco estudios sobre el Mundo Antiguo*, León, p. 11-49.

Santos, M. Fernandes (1940), *A minha terra. Breves apontamentos sobre Romariz*, (reed. s/l, 1984).

Sarabando, João (1976), "Numisma com a effigie de Honório - Contributo para o estudo da presença romana em Cacia", *Aveiro e o seu Distrito*, 21, Aveiro, ADA, p. 21, 36-40.

Silva, Armando Coelho F. (1983), "As *tesserae* do Castro da Senhora da Saúde ou Monte Murado (Pedroso, Vila Nova de Gaia). Contributo para o estudo das instituições e povoamento da Hispânia Antiga", *Gaya*, 1, Vila Nova de Gaia, GHAVNG, p. 9-26.

Silva, Armando Coelho F. (1986), *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, M.A.C. S./C. M. Paços de Ferreira.

Silva, António Manuel S. P. (1990), "Um pequeno tesouro monetário tardo-romano de Arouca (Aveiro)", *Nvmmvs*, 2ª Série, XII/XIII, Porto, SPN, 1989-90, p. 29-38.

Silva, António Manuel S. P. (1993), "O património arqueológico do Concelho de Arouca: balanço dos conhecimentos e perspectivas de valorização social", *Poligrafia*, 2, Arouca, CEDPB, p. 11-33.

Silva, António Manuel S. P. (1994), *Proto-história e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral. Elementos para uma avaliação crítica*. (Diss. maestr. Fac. de Letras Univ. Porto), Porto, policop.

Silva, António Manuel S. P. (1995), "Escavações arqueológicas em S. João de Valinhas. Do primitivo castro ao castelo de Arouca", *Poligrafia*, 4, Arouca, CEDPB, p. 199-220.

Silva, António Manuel S. P. & Teixeira, Filipe (1994), "Achados numismáticos romanos dos Castros de Ossela e de Ul (Oliveira de Azeméis, Aveiro)", *Ul-Vária. Arquivo de Estudos Regionais*, I (1-2), Oliveira de Azeméis, MROA, p. 59-82.

Silva, António Manuel S. P. & Pinto, José M. Mendes (1995), "O tesouro numismático do Castro de Ossela (Oliveira de Azeméis)", *Ul-Vária. Arquivo de Estudos Regionais*, II (1-2), Oliveira de Azeméis, MROA, p. 53-76.

Simões Júnior, Manuel R. (1959), "Arouca. Subsídios para a sua monografia", in Pereira, Vergílio, *Cancioneiro de Arouca*, Porto, p. 7-97.

Sousa, Arlindo de (1960), *Toponímia arqueológica de Entre Douro e Vouga (Distrito de Aveiro)*, sep. de Letras, 11, Curitiba.

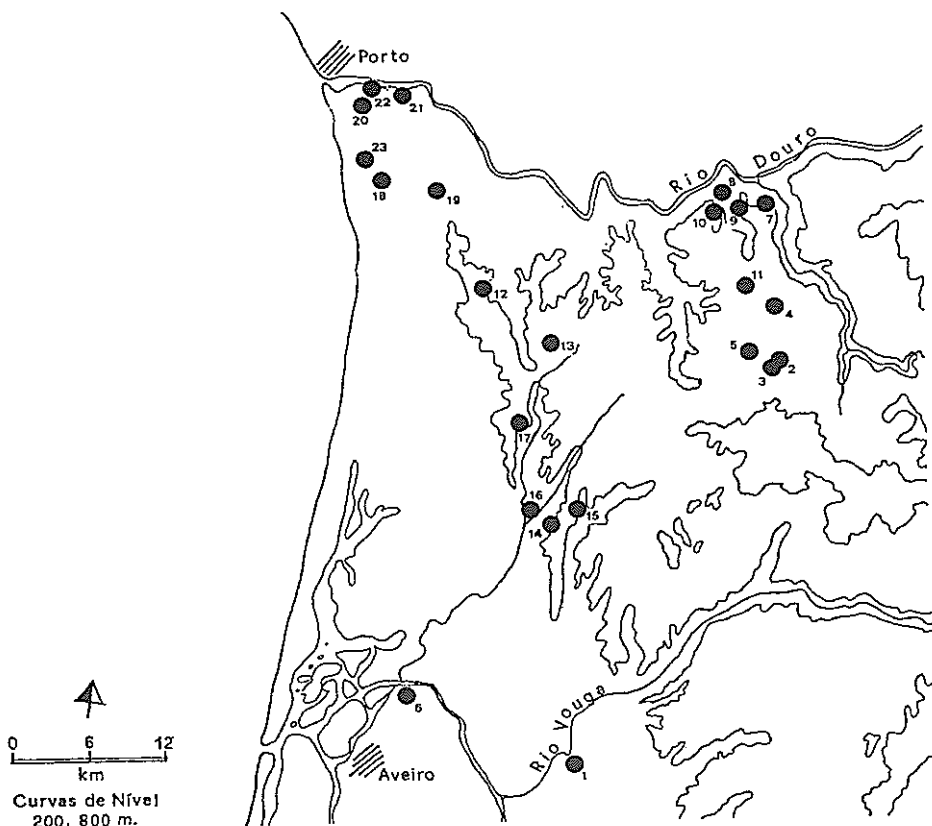
Souto, Dulce (1958), "Subsídios para uma carta arqueológica do Distrito de Aveiro no período de Romanização", *Arquivo do Distrito de Aveiro*, 24, Aveiro, p. 241-76.

Vasconcelos, José Leite (1895), "Collecção ethnographica do Sr. M. d'Azuaga", *O Archeologo Portugues*, 1, Lisboa, p. 20-28.

Veloso, Francisco J. & Cardoso, José (1965), *Estrabão: Livro III da "Geografia". Primeira contribuição para uma nova edição crítica*, Porto, Centro de Estudos Humanísticos.

VV.AA. (1909), *Annaes do Municipio de Oliveira de Azemeis. Coordenados por um grupo de oliveirenses*, Porto, Chardron.

## ESTAMPA I



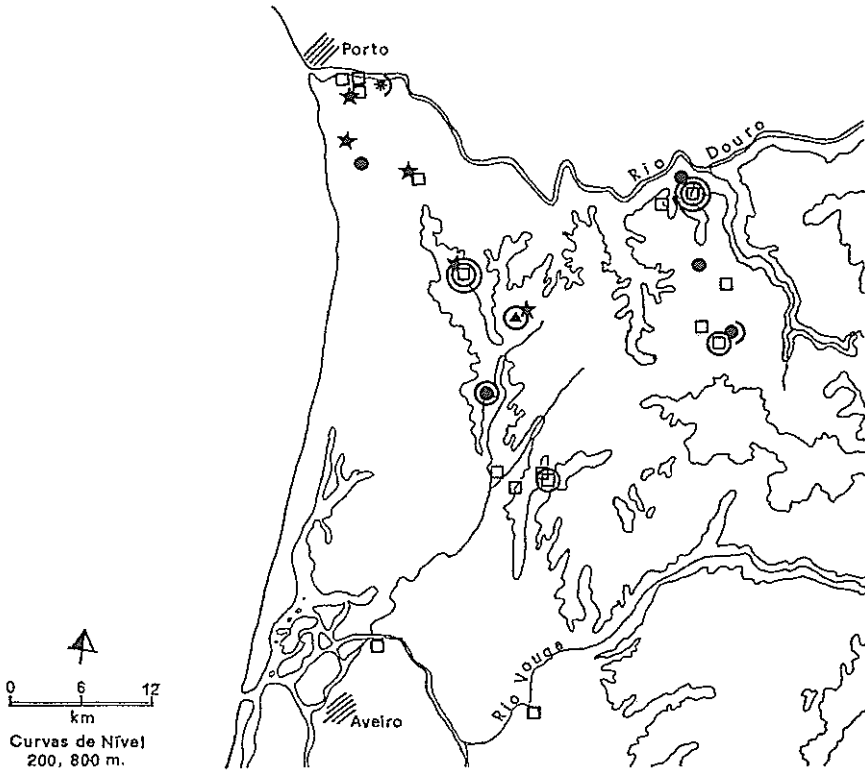
**Distribuição das ocorrências numismáticas romanas  
na região do Entre Douro e Vouga**

1 - Castro do Cabeço do Vouga (Águeda); 2 - Tesouro (Arouca); 3 - Tesouro da Vila (Arouca); 4 - Necrópole de Alvariça (Arouca); 5 - Castro de Valinhas (Arouca); 6 - Cacia (Aveiro); 7 - Tesouro (Castelo de Paiva); 8 - Necrópole de Folgoso (Castelo de Paiva); 9 - Necrópole de Valbeirô (Castelo de Paiva); 10 - Necrópole de Campo da Torre (Castelo de Paiva); 11 - Tesouro de Santa Cecília (Castelo de Paiva); 12 - Castro de Fiães (Santa Maria da Feira); 13 - Castro de Romariz (Santa Maria da Feira); 14 - Macinhata da Seixa (Oliveira de Azeméis); 15 - Castro de Ossela (Oliveira de Azeméis); 16 - Castro de Ul (Oliveira de Azeméis); 17 - Tesouro (S. João da Madeira); 18 - Necrópole de Gulpilhares (Vila Nova de Gaia); 19 - Castro do Monte Murado (Vila Nova de Gaia); 20 - Coimbrões (Vila Nova de Gaia); 21 - Serra do Pilar (Vila Nova de Gaia); 22 - Igreja do Bom Jesus de Gaia (Vila Nova de Gaia); 23 - Necrópole de Valadares (Vila Nova de Gaia).

(Os achados de localização imprecisa foram pontuados nas sedes de concelho)



ESTAMPA II



Distribuição dos Tesouros e ocorrências monetárias por épocas

⊙ Tesouro(s)

⌋ Possíveis tesouros

\* Moedas gregas

▲ Moedas republicanas

✱ Moedas dos séculos I-II

□ Moedas dos séculos III-IV

● Moedas de época indeterminada

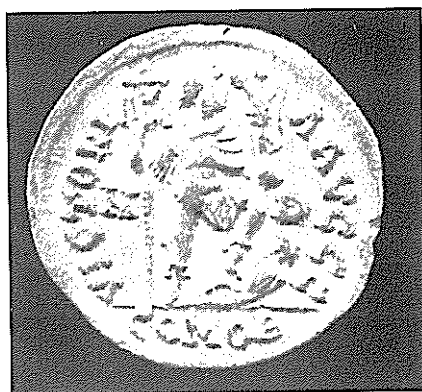
## ESTAMPA III



1



2



Sólidos de Honório, achados em Cacia (1) e Macinhata da Seixa (2). Reprodução de ilustrações publicadas em Sarabando (1976) e Fernandes & Basto (1985).